

A APROPRIAÇÃO DO MÉTODO MARXISTA PARA A SUPERAÇÃO DAS ILUSÕES DO FEMINISMO LIBERAL

Karla Raphaella Costa Pereira¹
Ellen Cristine dos Santos Ribeiro²
Juscilene Silva de Oliveira³
Maria Aires de Lima⁴

Resumo: O presente artigo objetiva recolocar o método materialista histórico-dialético no centro da luta feminista, pois este possibilita a compreensão do horizonte de da possibilidade real de superação da exploração capitalista geradora das opressões apresentadas hoje como pautas identitárias. É resultado de pesquisa bibliográfica. Apresenta as categorias do método articuladas com a luta do movimento feminista, defendendo que essas já dão as ferramentas epistemológicas necessárias à compreensão da realidade concreta dos indivíduos na sociedade capitalista em suas múltiplas determinações. Defende-se neste texto o acolhimento das diversas pautas, mas a negação completa do feminismo liberal. Advoga-se, inclusive, que tanto os movimentos identitários quanto o marxismo ortodoxo possuem elementos a serem superados para que a unificação da classe trabalhadora contemporânea em torno da superação do capital seja construída.

Palavras-chave: Feminismo marxista; Materialismo histórico-dialético; Feminismo liberal.

Abstract: This paper aims to put the historical-dialectical materialist method at the center of the feminist struggle, because it enables the understanding the real possibility of overcoming the capitalist exploitation that generates the oppressions presented today. It is the result of bibliographic research and presents the categories of the method articulated with the feminist movement' struggles. These already give the necessary epistemological tools to the understanding the concrete reality of the individuals in capitalist society in multiple determinations. It is defended in this text the reception of the various guidelines, but the complete denial of liberal feminism. The identity movements and orthodox

¹ Professora da Centro Universitário Maurício de Nassau – Fortaleza, doutoranda no Programa de pós-graduação em educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), pesquisadora colaboradora do Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, Educação e Emancipação Humana (GPOSSHE). E-mail: karla_raphaella@hotmail.com.

² Professora efetiva da rede municipal de educação de Fortaleza, doutoranda no Programa de pós-graduação em educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), pesquisadora colaboradora do Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, Educação e Emancipação Humana (GPOSSHE). E-mail: ellencristineribeiro@hotmail.com.

³ Mestranda no Programa de pós-graduação em educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), pesquisadora colaboradora do Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, Educação e Emancipação Humana (GPOSSHE) e bolsista CAPES. E-mail: juscylene.silva@hotmail.com

⁴ Doutoranda no Programa de pós-graduação em educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), pesquisadora colaboradora do Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, Educação e Emancipação Humana (GPOSSHE). E-mail: maria-aires@hotmail.com.

Marxism have elements to be overcome so that the unification of the contemporary working class around the overcoming of capital is built.

Keywords: Marxist feminism. Historical-dialectical materialism. Liberal Feminism.

Introdução

Em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*⁵ (2014), Engels já constava a subordinação da mulher dentro de uma origem histórica determinada. Esmiúça o surgimento da propriedade privada como instituição social, detectando que as formas de organização preexistentes não supunham a opressão da mulher, além de serem precedidas por organizações sociais igualitárias. Algumas, inclusive, matrilineares, ou seja, composições sociais nas quais apenas a ascendência materna era condição para a transmissão do nome, privilégios e pertencimento ao clã.

Diante do caráter dialético da história e da possibilidade de modificação dos eventos futuros, o capitalismo não impera como uma conjuntura eterna e imutável da humanidade, podendo ser transformada a partir de inúmeros fatores, sendo a luta organizada e consciente da classe trabalhadora uma possibilidade efetiva. Por isso a importância de um feminismo classista na reivindicação de conhecimento libertador e objetivo, capaz de imputar uma teoria que canalize conhecimentos para a luta coletiva de transformação da sociedade.

Nesse sentido, o presente artigo objetiva reafirmar o marxismo e seu método de análise da realidade como uma ferramenta indispensável para o movimento feminista, pois proporciona a compreensão dos fundamentos da realidade concreta e aponta as possibilidades de superação de exploração capitalista. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica cujo resultado possui ares de ensaio, na medida em que problematiza questões do tempo presente no bojo de seu *hic et nunc* (aqui e agora histórico).

Dividido em dois tópicos, o estudo traz o método materialista histórico-dialético para defender que ele dá conta de analisar o entrecruzamento de opressões cuja metodologia da interseccionalidade, por exemplo, tem tratado de analisar. O primeiro tópico procura apontar o arcabouço categorial do materialismo histórico dialético em

⁵ A obra apresenta uma análise crítica dos modos de organização social, onde Engels aborda a opressão de gênero, a autoridade masculina e o papel do casamento na constituição da sociedade moderna.

diálogo com as bases do feminismo, enquanto a segunda parte traz à tona as consequências da inserção da perspectiva liberal na luta das mulheres.

O binômio exploração/opressão tem sido entendido, os exemplos estarão adiante, como mutuamente excludentes. Se por um lado, os movimentos chamados identitários pautados por uma ideologia liberal afirmam não haver hierarquia de opressões, por isso todas as pautas identitárias são igualmente importantes. Por outro lado, a esquerda marxista, apesar de identificar corretamente a exploração da classe como central na geração das demais opressões, tem encontrado dificuldade em conectar as lutas cotidianas dos movimentos sociais contemporâneos com a necessidade de enfrentar o capital para superá-lo.

As considerações finais recebem o subtítulo *O feminismo liberal como alienação da consciência das mulheres*, pois este texto, como dito antes, tem um caráter de ensaio por apresentar elementos necessários à discussão do movimento feminista hoje. Há, na concepção aqui defendida, elementos a serem superados tanto nos ditos movimentos identitários quanto na esquerda marxista ortodoxa.

1 Feminismo e Marxismo: arcabouço categorial e elementos teórico-metodológicos

O debate acerca do feminismo tem ocorrido a partir de várias vertentes teórico-políticas, o que engendrou a necessidade de discuti-lo a partir de uma concepção materialista, histórica e dialética, com vistas à possibilidade de análise a partir de uma perspectiva emancipatória, classista e anticapitalista. Já de início, vale esclarecer que o percurso metodológico realizado não ocorreu de forma apriorística, mas fundou-se na materialidade. Buscou-se apreender as inúmeras relações e conexões a partir de acontecimentos concretos, reais.

Empunhar uma postura teórico-metodológica fundamentada na ontologia lukacsiana faculta esclarecer as mediações que estruturam as totalidades concretas, permitindo discernir historicamente as contradições e a contribuição dos elementos que são puramente conjunturais. O marxismo em sua dimensão ontológica além de comportar uma melhor apreensão do objeto, possibilita a demonstração de que não existe uma essência humana dada e imutável e que somente a reprodução social determina um horizonte de possibilidades.

A apropriação do referencial marxiano permite ir à raiz dos fundamentos para compreender as devidas relações e conexões que se estabelecem na sociedade de classes.

Marx (1985, p. 20) alega que para compreender o método de pesquisa pondo à vista todas as suas nuances é preciso “[...] captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluir esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real”. Não há, pois, como apreender o objeto sem partir do real que, de acordo com Lukács (1979), é constituído por um complexo de complexos.

[...] é na realidade, um produto do pensar, do conceber; não é de nenhum modo o produto do conceito que se engendra a si mesmo e que concebe separadamente a acima da intuição e da representação, mas é elaboração da intuição e da representação em conceitos (Marx, 2008, p.259).

Tendo clareza do feminismo classista defendido nesta comunicação, percebe-se a alternativa impressa pelo método ao analisar e refletir a realidade na sua totalidade, elevando a empiria abstrata e carente de determinações para uma realidade concreta mediada e rica de determinações. O caminho proposto vai do imediato (empírico) ao abstrato para, enfim, retornar ao concreto novamente, enriquecido de determinações. A citação do *Grundrisse (2011)*, apesar de extensa, é de fundamental importância, pois sintetiza o método desenvolvido por Marx em constante processo, construção e movimento.

Parece ser correto começarmos pelo real e pelo concreto, pelo pressuposto efetivo, e, portanto, no caso da economia, por exemplo, começamos pela população, que é o fundamento e o sujeito do ato social de produção como um todo. Considerado de maneira mais rigorosa, entretanto, isso se mostra falso. A população é uma abstração quando deixa de fora, por exemplo, as classes das quais é constituída. Essas classes, por sua vez, são palavras vazias se desconheço os elementos nas quais se baseiam p.ex, trabalho assalariado, capital etc. Estes supõem troca, divisão do trabalho, preço, etc. Por isso, se eu comesse pela população esta seria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais precisa, chegaria analiticamente a conceitos cada vez mais simples, do concreto representado [chegaria] a conceitos abstratos [Abstrakta] cada vez mais finos, até que tivesse chegado a determinações mais simples. Daí teria de dar início à viagem de retorno até que finalmente chegasse de novo à população, mas desta vez não como a representação caótica de um todo, mas como uma rica totalidade de muitas determinações e relações (MARX, 2011, p.54).

Observa-se, a partir da explicação do próprio Marx, que não é possível entender a população sem compreender as classes, o capital, o trabalho assalariado, o valor, o dinheiro, o preço. Após a interpretação dessas categorias, a população torna-se uma categoria concreta, rica de determinações. Perde o caráter caótico inicial, deixando de ser abstrata. Pode-se perceber ainda, através da citação, que a crítica acrítica (acrítica porque, ao contrário do método marxiano, não vai à raiz) que acusa o marxismo de uma postura universal que generaliza a categoria mulher “[...] invisibilizando aquelas que entrecruzam opressões” (RIBEIRO, 2017, p. 25), está equivocada.

Cada indivíduo singular é também uma síntese de múltiplas determinações. Compreender o momento universal da categoria *mulher* não nega esses momentos singulares, ao contrário, significa perceber, na comunidade de mulheres realmente existentes, os traços, as propriedades, os caracteres similares, os nexos entre eles. “O universal é o que se repete através do múltiplo, do diverso e do individual” (ROSENTAL; STRACKS, 1960, p. 257).

O materialismo dialético não compreende a relação entre o universal e o singular como uma passagem direta de um para o outro, mas como uma mediação complexa, contraditória na qual se pode falar de momentos particulares nos quais

[...] um grupo de objetos, fenômenos ou fatos que, sendo gerais, formam parte ao mesmo tempo de outro grupo mais geral; dentro desse grupo [...] O particular compreende um conjunto de objetos, que numa relação se apresenta como universal e em outra como individual ou singular (ROSENTAL; STRACKS, 1960, p. 257).

Deste modo, é perfeitamente compreensível, através do método, as contradições da realidade: uma mulher negra trabalhadora pobre; uma mulher negra de classe média; uma mulher negra da classe dominante; uma mulher branca rica; uma mulher branca moradora de favela e, além dessas determinações de gênero, raça e classe, as mulheres lésbicas, as mulheres transsexuais, e tantas outras concretas realidades de ser mulher. O universal é sim, retomando Marx (MARX, 2011), uma abstração, mas rica de múltiplas determinações.

Há, entretanto, nessas múltiplas determinações, um fundamento ontológico, uma questão de momento predominante. Este lugar é o da classe, pois a classe expressa o fundamento de ser da sociedade capitalista: a exploração da força de trabalho para produzir mais valia e a acumulação dessa riqueza por uma parcela mínima da população mundial que, mediante o saque, o roubo, a apropriação indevida, apropriou-se dos meios de produção que possibilitam o acúmulo privado de capital.

O argumento de feminismo liberal só pode ser compreendido então como um interesse deliberado em negar a teoria que fundamenta a possibilidade de compreender verdadeiramente a situação de todas as mulheres e de todas as opressões da sociedade. Argumentando citação de Frances Gages sobre Sojourner Truth, Ribeiro (2017, p. 23) afirma o seguinte:

Esse discurso de Truth, ainda no século XIX, já evidencia um frange dilema que o feminismo hegemônico viria a enfrentar: a universalização da categoria mulher. Esse debate de se perceber as várias possibilidades de ser mulher, ou seja, do feminismo abdicar da estrutura universal ao se falar de mulheres e levar em conta as outras intersecções, como raça, orientação sexual, identidade

de gênero, foi atribuído mais fortemente à terceira onda do feminismo, sendo Judith Butler um dos grandes nomes.

Lendo apenas a citação acima, pode-se chegar a conclusão de que a autora e os marxistas falam do mesmo. Isso, entretanto, é uma ilusão, pois a perspectiva de Ribeiro e do feminismo liberal, incluído o feminismo negro liberal, não é transformar a sociedade, mas democratizar as esferas de poder, causando uma mistificação da realidade. Leia-se.

[...] o debate é sobre a posição ocupada por cada grupo, entendendo o quanto raça, gênero, classe e sexualidade se entrecruzam gerando formas diferentes de experienciar opressões. Justamente por isso não pode haver hierarquia de opressões, pois, sendo estruturais, não existe “preferência de luta”. É preciso pensar ações políticas e teorias que deem conta de pensar que não pode **haver prioridades**, já que essas dimensões não podem ser pensadas de forma separada (RIBEIRO, 2017, p. 73).

Afirma-se aqui: há prioridade de luta, a luta de classe, porque só através dela o fim das demais opressões é possível. Isso não pode significar negação das lutas individuais, singulares e particulares, mas é preciso compreendê-las como momentos, para, assim, elevá-las à percepção da luta universal pela liberdade de todos os seres humanos. O feminismo liberal mascara a opressão de classe, leva a luta para o campo da democratização das esferas de poder, para o campo da ação discursiva. Não são apenas limitadas são imobilizantes e os trabalhadores que se somam a elas estão aderindo a movimentos contrarrevolucionários de seus opressores.

Embora as categorias utilizadas para esse estudo sejam outras, o exemplo contempla bem a discussão do método e, em última análise, comprova a premissa de que o feminismo só pode ser entendido na sua totalidade, o que implica a abrangência dos conhecimentos referentes à realidade objetiva, complexos e categorias sociais.

Recorrer ao materialismo histórico-dialético significa, levar em consideração tanto os elementos objetivos quanto os subjetivos. Também significa refutar as construções que se dão *a priori*, meramente idealistas e incapazes de apreender a realidade. O percurso de volta para a realidade viabiliza uma aproximação mais consistente de si, uma síntese concreta, num movimento que não perde de vista o caráter dialético da história e a possibilidade de modificação dos acontecimentos futuros. Lembra-se que a história é, por essência, construída socialmente, manifestando-se “tanto no conjunto quanto no detalhe” (LUKÁCS, 2012, p. 339). Assim, os seres sociais decidem os rumos da história, porém, sob condições postas pela realidade concreta.

O feminismo, enquanto objeto de análise, possui uma particularidade, o que não o afasta da universalidade. O método dialético marxiano possui uma dupla dimensão, universal e histórica e, o estudo ora apresentado, busca estabelecer a relação mais

aproximada possível dessas categorias, propondo um posicionamento estratégico de atuação política e luta pela emancipação humana.

2 O feminismo precisa ser radicalmente anticapitalista para derrotar o feminismo liberal

No dia 8 de março de 2019, foi lançado simultaneamente em diversos países, como Itália, França, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, Argentina e Suécia, um manifesto assinado por três feministas que atuaram ativamente na greve de mulheres do Dia Internacional de Mulheres nos Estados Unidos, Cintia Arruzza, tithi Bhattacharya e Nancy Fraser.

No Brasil, a edição ficou a cargo da Boitempo Editorial e recebeu colaboração das feministas e deputadas Talíria Petrone e Joênia Wapichana. O manifesto marca uma inflexão importante no movimento global contemporâneo ao defender que o feminismo é uma luta pela emancipação da classe trabalhadora, dos 99% da população mundial que sustenta o sistema capitalista gerador e estruturador das demais opressões.

Esse manifesto vem num momento oportuno para recolocar na luta das mulheres a centralidade fundamental da necessidade humana de superação da exploração de classes. Ao mesmo tempo em que o feminismo liberal ou neoliberal atua na sociedade, uma parcela das feministas de diferentes movimentos já percebe que se limitar às bandeiras democráticas para as mulheres não é sinônimo de liberdade.

Por que surge a necessidade de um manifesto sobre o feminismo? Porque a organização das mulheres tem sido apropriada pelo sistema capitalista, bem como as assim chamadas lutas identitárias. De acordo com Soares (1983), a ideia de liberdade nascida no século XVIII tinha como fundamento o livre pensamento e a autonomia da vontade. Sem a correção do *bem comum*, entretanto, o liberalismo de Rousseau substituiu esse conceito pela ideia da *vontade geral*, ou seja, o corpo político seria o intérprete da vontade do povo.

[...] o liberalismo suprimiu toda *finalidade* de sua concepção social. tentou organizar a vida civil excluindo toda a ideia de finalidade. E a substituição da ideia de 'Bem comum' pela de 'Vontade Geral' representou exatamente a supressão do princípio de finalidade da ordem social. A vida social passou a basear-se apenas no arbítrio das maiorias ocasionais (SOARES, 1983, p. 193, grifo do autor).

Até a ideia do bem comum não foi suportada pelo liberalismo. Não cabe nas linhas deste texto aprofundar a relação entre o feminismo e o liberalismo, pois exigiria um mergulho na história do feminismo que não é o foco do artigo. Quer-se apenas apontar que o liberalismo e a concepção de liberdade e individualidade contaminaram a luta feminista. O feminismo liberal é, portanto, parte integrante do sistema capitalista.

[...] esse feminismo propõe uma visão de igualdade baseada no mercado, que se harmoniza perfeitamente com o entusiasmo corporativo vigente pela “diversidade”. Embora condene a “discriminação” e defenda a “liberdade de escolha”, o feminismo liberal se recusa firmemente a tratar das restrições socioeconômicas que tornam a liberdade e o empoderamento impossíveis para uma ampla maioria de mulheres. Seu verdadeiro objetivo não é a igualdade, mas a meritocracia. Em vez de buscar abolir a hierarquia social, visa a “diversificá-la”, “empoderando” mulheres “talentosas” para ascender ao topo (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2018, p. 37-38).

O debate que segue é ilustrativo de tudo o que foi dito até aqui.

Uma excelente demonstração da contradição do discurso liberal e de suas adeptas foi dada, nos fins de 2018, pela mensagem de fim de ano da gigante de cosméticos estadunidense Avon. Protagonizada pela famosa filósofa e feminista negra Djamila Ribeiro e por Isis Vergílio, apresentada pela revista Marie Claire como braço direito da filósofa; a peça publicitária da Avon, co-produzida por Ribeiro, mostra as duas mulheres em poses dividindo com a Avon o seguinte texto:

O ano que a gente quer

Beleza. Humanidade. Amor. Liberdade. Confiança. Igualdade. Força. Representatividade. Voz. Sororidade. Zelo.
E as palavras do seu ano quais vão ser? (INSTITUTO AVON, 2018).

Vale muito a pena a leitura do texto que segue a descrição do vídeo divulgado no Youtube.

Nós já estamos preparadíssimas para fazer do ano que vem um ano BAPHO, escrito com todas as palavras que a gente tem de melhor. Entra ano, sai ano e a Avon não cansa de enaltecer as minas que só sabem dar close certo. Mas também, olha só cada ícone de mulher que a gente tem ao redor! Djamila Ribeiro e Isis Vergílio fecharam com o bonde Avon para escrever o ano que a gente quer: um ano de palavras que só fazem a gente crescer, aprender, prosperar e vencer. O rolê continua firme, forte e a gente está mais unida do que nunca. Então vamos aproveitar essa vibe para escrever juntas nossa história? (INSTITUTO AVON).

Numa rápida busca no site Jusbrasil é possível encontrar diversas informações sobre ações contra a empresa. No Brasil, em 2017, a Avon fechou um acordo com o Ministério Público do Trabalho sobre a existência ou não de vínculo empregatício das chamadas executivas de vendas que trabalham revendendo os produtos da empresa. O que interessa destacar aqui não é o processo em si, mas o resultado dele que legaliza uma atividade de exploração de milhares de mulheres sem vínculo empregatício, sem garantias

trabalhistas, mal remuneradas, sem garantia de renda fixa e que, muitas vezes, gastam dinheiro do próprio bolso para continuar trabalhando.

Na sociedade contemporânea, não é suficiente a permissão jurídica de atuação dessa forma de subtrabalho, pois as condições de vida poderiam deixar transparecer para essas mulheres a exploração a que estão submetidas. É preciso convencê-las de que vale a pena se submeter a esse tipo de trabalho para ter seu próprio salário, sua autonomia em relação ao companheiro, para galgar oportunidade de melhoria de vida e de crescimento. A Avon vende a ideia de que empodera mulheres.

Ao legitimar uma atividade que promove o **empreendedorismo** e a **independência financeira** de milhares de mulheres no Brasil, é conferida maior segurança jurídica ao modelo comercial que viabiliza **esse propósito de empoderamento feminino da empresa**", diz a vice-presidente Jurídica e de Relações Governamentais da empresa, Ana Costa (ÉPOCA, 2017).

O propósito de uma empresa como a Avon não é empoderar mulheres é gerar lucros e acumulação de capital. O discurso feminista aqui é distorcido em prol desse objetivo. É preciso ser claro: o capitalismo usa o feminismo, distorcendo-o para explorar, oprimir, violentar milhões de mulheres ao redor do mundo. Por mais que pareça, não há contradição na prática de Djamila Ribeiro. Conscientemente ou não, o feminismo que ela advoga se alinha com as necessidades do grande capital de oprimir as mulheres porque ele não visa transformar a realidade. Em sua obra mais famosa *Quem tem medo do feminismo negro*, a filósofa afirma o seguinte:

[...] como pessoas negras, muitas vezes, somos referidos como diferentes. E eu coloco a questão: diferente de quem? Quem é diferente? Tu és diferente de mim ou eu sou diferente de ti? Para dizer a verdade, somos reciprocamente diferentes. Então a diferença vem de onde? Eu só me torno diferente se a pessoa branca se vê como ponto de referência, como a norma da qual me difiro. Quando me coloco como a norma da qual os outros diferem de mim, aí os outros se tornam diferentes de mim. Então é preciso desconstruir o que é diferença (RIBEIRO, 2018, p. 111).

Esse trecho condensa uma visão de mundo própria do feminismo liberal, de seu genitor o liberalismo herdadas pelas mais variadas manifestações pós-modernas. Há aqui uma série de raciocínios a serem feitos para compreender a essência do argumento de Djamila Ribeiro. Ela parte de um fenômeno real: as pessoas negras são discriminadas na sociedade contemporânea. A explicação para esse fenômeno, segundo a autora, é a seguinte: negros não são, na verdade, diferentes. Os brancos é que, por se compreenderem como a norma, veem os negros como diferentes. Melhor: A causa da diferença entre negros e brancos é a interpretação que os últimos fazem dos primeiros. Solução: os brancos precisam perceber que não são diferentes, não são a norma, precisam contestar

as construções sociais que os educam dessa forma para que os negros não sejam interpretados como diferentes, assim, não o serão.

Crer que, depois de toda a argumentação exposta aqui, o próprio leitor seja capaz de identificar o problema nessa explicação do racismo, é o sentido desse texto. É preciso destacar, entretanto, que a filósofa faz uma inversão ontológica: ela não explica o racismo por sua existência real, por suas determinações, por sua concretude. Ela explica a existência do racismo pela interpretação que as pessoas fazem dele, mas, para serem interpretadas, as coisas precisam, antes, existir. Se ficar alguma dúvida, é possível conferir a página 112 do referido livro, quando sua autora afirma que negros ficam fora das estruturas de poder por serem vistos de maneira diferente (RIBEIRO, 2018, p. 112).

Esses dados, então, explicam como o feminismo negro de Djamila Ribeiro se inclui numa vertente liberal do movimento feminista e de que nem o nome de feminismo deveria levar, já que não questiona verdadeiramente a opressão das mulheres. Agora, é possível retornar a propaganda da Avon para entender que, as palavras ditas pela campanha não são vazias, na verdade, estão cheias de interesses, de motivações capitalistas. Observe que, em *O que é lugar de fala*, a autora rechaça uma das palavras que, na propaganda é pronunciada por sua voz (fala), representatividade (Ribeiro, 2017).

Assim como o feminismo negro de Djamila Ribeiro (e outras e outros), muitas são as manifestações do feminismo liberal. As feministas que lutam pela emancipação das mulheres, devem lutar pelo fim da exploração dos 99% das pessoas de todo o mundo. A resposta dessas feministas à pergunta da Avon deve ser, sem dúvida, expressões mais complexas: destruição do capital, militância consciente e LUTA.

Considerações Finais

As contribuições do marxismo são fundamentais ao feminismo dado o enfoque material e histórico que permitiu desnaturalizar a subordinação da mulher. Intentou-se comprovar que o método em si dá conta de explicar a condição de subalternidade da mulher, localizando sua gênese em processos gerados nas relações sociais, e também a partir delas, em conjunturas socioeconômicas determinadas. A riqueza metodológica está na essência ontológica, abordagem capaz de apreender o ser social em suas determinações históricas concretas dinâmicas, a partir do constante movimento do real.

Reafirmou-se a importância dos elementos teórico-metodológicos fornecidos pelo marxismo, essenciais para um posicionamento preciso de invocação de um feminismo classista e anticapitalista, cujas bases de análise centradas na singularidade dos indivíduos como fruto de suas múltiplas determinações sejam capazes de fazer frente às tendências irracionalistas e pós-modernas em voga. Tais abordagens, ao subverterem a categoria da totalidade, forjam uma identidade global totalizadora que obscurece e despreza outras categorias igualmente centrais para o debate: classes sociais, etnia/raça e gênero, discutindo-as de forma isolada.

Se a crítica de que o método marxista não dá conta da realidade é falsa, a crítica de que as análises marxistas ainda devem muito ao papel das mulheres na história tem mais sentido. Silvia Federici, militante feminista marxista e professora emérita da Universidade de Hofstra em Nova Iorque, tem tentado recontar a história para corrigir o apagamento do papel das mulheres nela. Seu livro mais famoso no Brasil, *O calibã e a bruxa*, esboça a história das mulheres na transição do feudalismo para o capitalismo.

Federici (2017, p. 11) advoga pela desconstrução da ideia de muitos marxistas, ancorados na *Origem da família, da propriedade privada e do Estado* de Engels, de que o trabalho doméstico não desempenhou nenhuma função na organização capitalista do trabalho ou de a subordinação das mulheres aos homens deve-se à exclusão da mulher “da produção socialmente necessária”. A autora aponta que, ao contrário, o trabalho doméstico das mulheres e a dominação delas é um dos pilares da sociedade capitalista, pois este é o trabalho que produz a força de trabalho. “A tarefa que *Calibã e a bruxa* se propôs realizar foi a de escrever a história esquecida das ‘mulheres’ e da reprodução na ‘transição’ para o capitalismo” (FEDERICI, 2019, p. 12).

Os trabalhos de Silvia Federici são a demonstração de como os marxistas ortodoxos não puderam apreender o movimento histórico das mulheres. Essa teria que ser uma tarefa **nossa**. A militância hodierna precisa perceber a emergência da vida contemporânea. Precisa compreender o avanço da tecnologia e de como as objetivações humanas mudaram radicalmente as relações humanas e as próprias individualidades. Algumas feministas (Federici, as autoras do manifesto feminista para os 99%) destacam a necessidade de reconhecer “[...] a esfera da reprodução social como fonte de criação de valor e exploração [...] (FEDERICI, 2019, p. 12)”.

Leia-se, com muita atenção, a citação abaixo, longa e necessária.

Uma vez que compreendemos a centralidade da reprodução social na sociedade, não podemos mais encarar de modo habitual a classe. Contrariamente ao entendimento tradicional, o que produz a classe na sociedade capitalista não são apenas as relações que diretamente exploram a “mão de obra”, mas também as relações que a geram e a repõem. Tampouco a classe trabalhadora global é composta exclusivamente de pessoas que trabalham por salários nas fábricas e nas minas. Igualmente fundamentais são aquelas que trabalham no campo e nas residências particulares; em escritórios, hotéis e restaurantes; em hospitais, creches e escolas; no setor público e na sociedade civil; o precariado, as pessoas desempregadas e aquelas que não recebem remuneração em troca de seu trabalho. Longe de estar restrita a homens brancos heterossexuais, em cuja imagem ainda é muito frequentemente fantasiada, a maior parte da classe trabalhadora global é constituída de imigrantes, pessoas racializadas, mulheres – tanto cis como trans – e pessoas com diferentes capacidades, cujas necessidades e os desejos são renegados ou deturpados pelo capitalismo. [...] Essa lente também expande a nossa visão de luta de classes (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2018, p. 54-55).

Tenhamos, pois, coragem para enfrentar as lutas do presente. Enfrentar todas as manifestações de feminismo liberal, inclusive, de epistemologia negra. As mulheres negras escritoras da famosa coleção *Feminismos Plurais* batem palmas de pé para o anti-marxismo de uma de suas companheiras, em vídeo disponível no Youtube, que afirma “A interseccionalidade é uma encruzilhada para Exú nunca mais comer marxismo” (MULHER COM A PALAVRA, à 1h42min49seg). O feminismo liberal é contrarrevolucionário.

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99% um manifesto**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

AVON fecha acordo trabalhista de R\$ 3,5 milhões. **Época negócios**. 28 out. 2017. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2017/10/epoca-negocios-avon-fecha-acordo-trabalhista-de-r-35-milhoes.html>. Acesso em: 30 mar. 2019.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo; 2014.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução do Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

LUKÁCS, György. **Grundrisse: manuscrito econômico de 1857-1858: esboço da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo; 2011.

LUKÁCS, György. **O capital: Crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

LUKÁCS, György. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MULHER com a Palavra: Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, Joice Berth e Lívia Natália. 2018. 1 vídeo (2h38min26seg). Publicado pelo canal **TVE Bahia**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jnfk0pCP3pg&t=5034s>. Acesso em 31 mar. 2019.

O ANO que a gente quer. [s. l.] Produção: Instituto Avon e Djamila Ribeiro. 2018. 1 vídeo (47 seg). Publicado pelo canal **AvonBR**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5jPnmd-Rgyk>. Acesso em: 30 mar. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSENTAL, M. M; STRAKS, G.M. **Categorias del materialismo dialectico**. Traducción de Adolfo Sánchez Vazquez e Wescslao Roces. México, D. F.: Editorial Grijalbo. S.A, 1960.

SOARES, Oswaldo. **Pequeno dicionário-burguês proletário**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

YILDIRIM, Barış. A luta das trabalhadoras da Avon na Turquia. **Esquerda Diário**. [s. l.] 17 jun. 2016. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/A-luta-das-trabalhadoras-da-Avon-na-Turquia>. Acesso em: 30 mar. 2019.